

**NELSON VIANNA E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE CIDADE EM  
SERÕESMONTESCLARENSES**

Rejane Meireles Amaral Rodrigues

Doutora em História

Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES

rejane.meireles@gmail.com

Este projeto tem como objetivo analisar o conceito de cidade, presente na obra “Serões montesclarenses” de Nelson Vianna, obra publicada em 1962. Nelson Washington Vianna, memorialista e agrimensor, viveu na região de Montes Claros por mais de 30 anos e compôs o Instituto Histórico e Geográfico Mineiro. Ao longo de sua trajetória como agrimensor publicou algumas obras, que remetem ao cotidiano, lugares e pessoas do Norte de Minas. O livro “Serões montesclarenses” é um exemplar desse tipo e compõem-se de 70 textos, sendo estes organizados em 7 grupos. O primeiro grupo não tem título, a partir do segundo apresentam-se os títulos que seguem na seguinte ordem: Casos espantosos, um pouco de história; nobiliarquia do norte de minas; fatos do montes claros antigo; no tempo das divisões. Na construção deste debate visamos entender como o processo histórico de escrita apresenta o conceito de cidade e quais as definições tornaram-se memória. Para esta execução, analisamos o autor, o processo histórico em que vivia quando da escrita da obra, bem como os conteúdos dos textos. Também analisamos por meio da imprensa e a partir dela a participação de Nelson Vianna em vários segmentos sociais, buscando entender se o mesmo foi considerado um intelectual enquanto viveu em Montes Claros.

Palavras – chave: Nelson Vianna - Cidade - Memória.

A presente comunicação tem como objetivo apresentar o conceito de cidade presente na obra “Serões Montesclarenses” de Nelson Vianna, obra publicada em 1962. O texto que se segue trata-se de um projeto, ainda em fase inicial, cujo título é o mesmo desta comunicação. Desse modo, é importante ressaltar que aqui serão apresentados apenas alguns resultados, pois o interesse que norteia esta comunicação é expor a trajetória de pesquisas que nos conduziram, bem como os objetivos traçados para o desenvolvimento das análises referentes à obra “Serões Montesclarenses”.

A cidade de Montes Claros, hoje considerada a maior cidade do Norte do Estado de Minas Gerais, viveu no século XIX todos os problemas enfrentados pelas cidades consideradas metrópoles: falta de mobilidade adequada e eficiente, inexistência de condição digna de moradia para todos, ausência de serviços de utilidade pública que de fato solucionem os problemas e o alto índice de desemprego. Sendo este último nos dias atuais ainda mais agravante devido à crise que o estado de Minas Gerais vem enfrentando.

Muitas vezes os problemas elencados acima são diluídos ou propositalmente mascarados em alguns discursos de representantes políticos ou por uma boa parte da população no desejo de apontar a cidade como um lugar “menos hostil para se viver”. Também percebe-se a ocorrência de uma perspectiva oposta quando destacam tais problemas, avolumando-os e enfatizando-os no afã de se obter algum benefício econômico ou mesmo lograr o *status* de local de extrema miséria.

Partindo dessas questões e também dos apontamentos levantados em nossa pesquisa de doutoramento: “Memórias em disputas, transformando modos de vida no sertão e na cidade”( RODRIGUES, 2013), buscamos ainda responder ao problema de pesquisa da nossa tese, isto é, entender o conflito cidade *versus* sertão, estabelecido no processo histórico de constituição de Montes Claros enquanto cidade. Apreendemos que na formação histórica de Montes Claros, não foi e ainda não está bem acomodado o entendimento e tampouco os modos de vida, que remetem ao conceito de cidade.

A nosso ver tal afirmativa se evidencia ante a análise do comportamento cotidiano em espaços públicos bem como das memórias construídas em relação a algumas

instituições. Memórias essas que são partilhadas com “satisfação” pela população em geral sem se quer serem questionadas ou mesmo sem se buscar a origem de tais memórias.

De tal modo, almejando entender e ou analisar a construção dessas memórias a respeito do conceito de cidade em e sobre Montes Claros, a presente comunicação inspirada no projeto: “Nelson Vianna e a construção da memória de cidade em serões montesclarenses”<sup>1</sup>, desenvolvido na Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES, justifica-se pelo fato de que, após finalizar um outro projeto intitulado “A coleção Sesquicentenária como lugar de memória: a cidade para Haroldo Lívio e Nelson Viana”, percebemos que Nelson Viana teve importante participação na cidade como um intelectual. Isso se evidencia na sua trajetória de vida na região de Montes Claros.

As primeiras leituras realizadas nesse sentido apontam que, nas décadas em que viveu no Norte de Minas, Vianna participou ativamente como centralizador, mediador e realizador de obras, além da sua contribuição como escritor. O que nos leva à afirmação de Vianna como destacado mentor intelectual<sup>2</sup>, à época. Fazendo-se pois necessário um maior aprofundamento no entendimento dos atos do referido escritor e do conceito de intelectual. Além de dar continuidade à análise de como esse autor registrou Montes Claros como cidade na obra *Serões Montesclarenses*. Da mesma forma, após a análise da obra, buscar abranger o que era ser intelectual em Montes Claros nos anos 50? E, qual o perfil daqueles que eram identificados como intelectuais naquele processo histórico?

Para prosseguir nas nossas análises buscamos embasamento em autores que debatem o referido conceito de intelectual, a saber: Jean-François Sirinelli, Rebeca Gontijo, Norberto Bobbio e Hugues Portelli. Discutir o conceito de cidade na obra “*Serões montesclarenses*” e analisar passagens da vida de Nelson Vianna para entender se ele foi ou não um intelectual em Montes Claros.

---

<sup>1</sup> “Nelson Vianna e a construção da memória de cidade em Serões Montesclarenses”. Resolução CEPEX 147/2018.

<sup>2</sup> Segundo Norberto Bobbio, na sua obra “Os intelectuais e o poder”, na página 109, intelectual é uma pessoa criadora, portadora ou transmissora de ideias.

Com o objetivo de situar nosso pesquisado no tempo e no espaço, expomos inicialmente a sua trajetória de vida. Nelson Washington Vianna foi um memorialista<sup>3</sup> e agrimensor que viveu na região de Montes Claros por mais de 30 anos, participou do Instituto Histórico e Geográfico Mineiro. Por meio do projeto “A coleção Sesquicentenária como lugar de memória: a cidade para Haroldo Lívio e Nelson Viana<sup>4</sup>”, anteriormente mencionado, foi possível apurar que Vianna foi um profissional que conheceu e ouviu muitos “causos” dos viventes tanto nos campos como nas cidades do norte de Minas. No projeto acima referido analisamos a obra “Foiceros e vaqueiros”. Essa obra é dividida em quatro partes, sendo a primeira intitulada “Sertão a dentro, constituída de 4 capítulos, que narram a trajetória do autor Nelson Vianna de Várzea da Palma a Montes Claros. A segunda parte, cujo título é “Homens, casos e coisas”, possui 28 capítulos e trata das pessoas e espaços locais. A terceira parte, “Truques engenhosos”, é composta de 10 capítulos, os quais abordam assuntos diversos. Por fim, a quarta parte é formada por 16 capítulos, que abordam sobre espaços e pessoas de Montes Claros.

Ao finalizar a leitura da obra “Foiceros e vaqueiros<sup>5</sup>”, percebemos a construção de uma memória na perspectiva de um técnico da ciência de medir terras, mas também

---

<sup>3</sup> Sobre o termo memorialista, não temos uma definição clara do que se trata. Mas, entendemos que memorialista é o escritor que busca em fontes as informações para registro, porém não estabelece técnica para ler estas fontes e nem utiliza de fundamentação teórica para embasar os conceitos que menciona em seus textos. Não existe uma definição clara e ampla para conceituar memorialista, mas nos debates sobre teria, metodologia e historiografia temos muito bem definidos o ofício do historiador. Não estamos aqui para “julgar” ou mesmo para desqualificar o trabalho realizado pelos memorialistas, mas como pesquisamos diretamente o processo de construção de memórias, precisamos ter uma definição clara para o trabalho e o texto final do memorialista. Pois, no nosso entendimento esses textos, são importantíssimos para embasar memórias locais, quando não são o único “lugar de memória” de um determinado local. Conforme já afirmamos no início desta nota, entendemos que o memorialista é um escritor que produz textos de informação e registro do passado que não utiliza metodologia de leitura das fontes e não utiliza embasamento teórico para afirmar suas conclusões.

<sup>4</sup> A coleção Sesquicentenária como lugar de memória: a cidade para Haroldo Lívio e Nelson Viana. Resolução CEPEX 158 /2017.

O presente projeto tem por objetivo analisar como o conceito cidade aparece nas obras “Foiceros e Vaqueiros” de Nelson Vianna, obra publicada em 1956, e “Nelson o personagem” do memorialista Haroldo Lívio, publicado em 1995, texto composto de crônicas publicadas em jornais da cidade. Ao fazer este debate visamos entender como o processo histórico de escrita dessas obras entendia cidade e quais as definições tornaram-se memória. Para a execução vamos analisar os autores, os processos históricos em que viviam, quando da escrita das obras, e os textos, salientando as referências a Montes Claros enquanto cidade. Ao final do projeto pretendemos publicar um artigo em revista especializada e apresentar um trabalho em evento.

<sup>5</sup> Esta é uma das obras que compõe a Coleção Sesquicentenária. A Coleção Sesquicentenária é uma coletânea de 15 títulos de livros e essa coletânea foi organizada pela professora Marta Verônica Vasconcelos Leite quando compunha o grupo de profissionais responsáveis pela organização dos festejos do Sesquicentenário de elevação da cidade de Montes Claros à condição de cidade em 2007 (as

encontramos narrativas fantásticas de um homem que fazia um mergulho no mundo sertanejo norte mineiro. Narrativas essas voltadas para o sagrado, o profano e, ao mesmo tempo, carregadas de honra, sem deixar de registrar a malandragem, traço marcante da personalidade de alguns dos descritos na obra.

Ao longo de sua trajetória como agrimensor, Nelson Vianna publicou obras que remetem ao cotidiano, lugares e pessoas do norte de Minas. O autor também foi descrito por Hermes de Paula na parte 2 da obra “Montes Claros sua História sua gente e seus costumes”, sendo primeiramente mencionando o local do seu nascimento, Curvelo, e depois informada sua filiação, trajetória estudantil, como mostra o trecho que se segue:

Poeta satírico e caricaturista, tem colaborado nos jornais locais em numerosas produções sob o pseudônimo de Gil Marcus. É fazendeiro e possui uma excelente biblioteca. Publicou o livro “Foiceiros e Vaqueiros”, uma formidável contribuição para a história e folclore de Montes Claros. Editou posteriormente “Chico Doido”- crônica sobre Montes Claros e Cuvelo, “Efemeride Montes-Clarenses”, livro de grande utilidade. “serões Montes- Clarenses”. Com um estudo sobre os barxes (sic.) do Norte de Minas (PAULA, 2007: 271)

As obras de Vianna foram publicadas na década de 1950 do século XX, período em que Montes Claros organizou e viveu as comemorações dos cem anos de elevação à condição de cidade. Tanto as comemorações como a realização dos festejos foram carregadas de significados<sup>6</sup>, momento em que e o memorialista Haroldo Lívio publicou um texto intitulado “Nelson o personagem” no “O Jornal de Montes Claros” e, anos depois, esse texto foi republicado juntamente com outras crônicas sobre a cidade de Montes Claros numa obra de mesmo título. Uma das crônicas mais instigantes publicadas no livro “Nelson o Personagem” foi “A festança”. Esta crônica descreve o dia 03 de julho de 1957, dia em que passou a ser considerado como “aniversário” de Montes Claros:

---

comemorações foram organizadas pela Prefeitura de Montes Claros durante a administração do prefeito Athos Avelino, em parceria com algumas empresas e instituições, como a Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, onde a professora Marta Verônica trabalhava na época). A coleção é uma reedição de obras de memorialistas, que foram publicadas em datas diferentes. Como já mencionado essa coleção é composta por 15 títulos, a saber: Raízes de Minas; Sertões Montes Clarenses; A Menina do Sobrado de Cyro dos Anjos; Janela do Sobrado; Foiceros e vaqueiros; Nelson o personagem; Quarenta anos de sertão; Rebenta Boi – História Primitiva de Montes Claros; Montes Claros era assim... e Efemérides I e II.

<sup>6</sup> A realização da festa conhecida em Montes Claros como “Centenário de Montes Claros” é um momento sempre lembrado, principalmente no dia 03 de julho, o qual, desde 1957, é considerado feriado municipal e é comemorado o “aniversário da cidade”.

A festança

O centenário chegou e abafou.

Um grande sucesso de ponta a ponta marcado por acontecimentos sociais e culturais que ficarão escritos com tinta indelével. Todos os montes-clarenses – naturais e adotivos – trabalharam para que o êxito fosse completo. A prefeitura calçou ruas, melhorou o aspecto de vias públicas que vinham carecendo de cuidados, cuidou do ajardinamento, fez o possível. O presidente JK, generosamente, abriu verba de cinco milhões para embelezamento da cidade. Todas as casas foram pintadas de novo. Uma lufa-lufa febril revolveu a velha Montes Claros. A Associação Rural, sob a batuta de João Alencar Ataíde, construiu o Parque de Exposições, cuja inauguração foi um dos momentos em que o centenário atingiu seu clímax. Montes Claros classificou-se entre os dez municípios de maior progresso no Brasil. A festança chegou à culminância do delírio. O desfile histórico e folclórico, com a apresentação de vinte e oito quadros diferentes, um verdadeiro esbanjamento de originalidade e imaginação parou a cidade. O Douro Hermes, à frente de tudo, comandava a função no papel de mestre-sala que quer arrebatar para sua escola de samba a primeira classificação no grande desfile da avenida. As classes produtoras realizaram o congresso do algodão. Visitantes ilustres, o presidente da República, o governador, ministros, secretários, deputados, aqui estiveram no grande dia. A sociedade recebeu o governador Bias Fortes no monumental baile de gala, no Clube Montes Claros. Houve exposição de pinturas de Frederico Bracher e lançamento de livros e autores locais: HP (Monografia Histórica), Cândido Canela ( Rebenta – boi), Nelson Vianna ( Foiceiros e vaqueiros ), Geraldo Freire ( Fonte dos suspiros ), José Rametta ( Poesias) e Geraldo Avelar ( Asas Quebradas ). Estourou um samba-canção na praça, de Luiz de Paula ( Montes Claros Centenária). O Flamengo do Rio venceu o Ateneu, na partida do ano, por 2 x 1. A massa vibrou. ( LIVIO. 2007: 92 e 93)

Conforme percebemos no trecho acima, várias obras estruturais e estéticas foram realizadas na cidade durante a comemoração do seu centenário, muitos políticos importantes da época estiveram presentes e algumas obras de poesias e de memórias foram lançadas durante o evento. A prefeitura calçou ruas, como no caso da avenida Dulce Sarmiento, que já naquela época era um importante acesso a alguns bairros do centro da cidade, melhorou o aspecto de vias públicas que careciam de cuidados, pavimentou ruas e praças, como a praça em frente ao colégio Gonçalves Prates e cuidou do ajardinamento. Todas as casas foram pintadas de novo, “Uma lufa-lufa febril revolveu a velha Montes Claros”.

A inauguração do Parque de Exposições, ocorrida no dia 03 de julho (dia em que completava 100 anos da lei que elevou Montes Claros à condição de cidade) foi um dos momentos em que o centenário atingiu seu clímax, pois até então não havia um dia

específico para a comemoração do “dia da cidade”. Toda a programação que aconteceu no parque estava voltada para o sentido de ser montesclareense. Montes Claros classificou-se entre os dez municípios de maior progresso no Brasil, e as classes produtoras realizaram o congresso do algodão, que, naquele momento, era a cultura que movimentava o setor financeiro da cidade. (LIVIO: 2007)

Nesse processo de inaugurações e festejos, entendemos que o conceito de cidade que circulava naquele contexto era o de progresso, de modernidade. O passado sertanejo havia ficado para trás e o futuro seria o progresso. Essas inaugurações e pavimentações carregavam consigo uma expectativa de mudança também nos comportamentos, nos hábitos e o sentido que esses teriam entre os moradores e a cidade. É interessante analisar que a partir do ano de 1957, o dia 3 de julho, em Montes Claros, é carregado de simbolismo e eventos. Desde então, as administrações inauguram obras e promovem eventos populares, para marcar e comemorar o dia da cidade e do “cidadão montesclareense”.

A concentração da festa se dá no parque João Alencar Athaide, ocorrendo nesse parque, desde sua inauguração, a exposição agropecuária. A feira reuni agricultores, pecuaristas e instituições voltadas para o campo e, nos últimos anos, conta também com a participação de instituições que atuam em vários segmentos da cidade, além de muitas empresas do comércio local. O referido parque se caracteriza por ser o espaço máximo da festa de comemoração do marco de elevação de Montes Claros à condição de cidade. Conforme já citamos, a construção e inauguração do parque se deu durante a organização da festa do centenário, e o nome “João Alencar Athaide” foi escolhido pela classe rural em homenagem ao líder da classe e presidente da Associação Rural, Joao Alencar Athaíde. A biografia do presidente foi escrita por Henrique de Oliva Brasil nos seguintes termos:

Nasceu em Inconfidência, hoje Coração de Jesus, a 2 de fevereiro de 1919. Filho do Coronel Antônio Versiani Ataíde ( sic.) e dona Pedrelina Alencar Athaide . Diplomado pela faculdade de direito da U. F. M. G., não exerceu a advocacia, de vez que se enveredou para as atividades da pecuária, de cuja classe foi um grande líder. Exerceu, por algum tempo, o cargo de prefeito Municipal de Coração de Jesus. Em montes Claros foi presidente da Associação Rural, ocasião em que se projetou como excelente administrador, construindo um dos melhores Parques de

Exposição do país, o qual veio, como homenagem da classe rural de Montes Claros e do Norte de Minas, a denominar-se “Parque de Exposição João Alencar Athaíde”. (BRASIL, 1983:229)

Persistir na análise das obras publicadas ou lançadas no percurso desse processo histórico é significativo para entendermos o conceito de cidade que ainda é vivido e pensado em Montes Claros. Desde o ano de 1957 os discursos proferidos pelos representantes e pelas administrações públicas, sempre retomam esse “marco” como forma de asseverar o conceito de cidade, inaugurar obras públicas ou mesmo rememorar e fazer prospecção de futuro a partir da “cidade nascente naquele processo histórico”.

Ao nos propormos pesquisar a obra de Nelson Vianna, no projeto “A coleção Sesquicentenária como lugar de memória: a cidade para Haroldo Lívio e Nelson Viana” analisamos na obra “Foiceiros e vaqueiros” três espaços<sup>7</sup> considerados importantes na época, que são: as hospedarias existentes na cidade, a farmácia mais frequentada e o único cinema existente naquele período. Essa análise nos ajuda a entender como o autor reportou Montes Claros como cidade. Nosso primeiro espaço de análise foram as pensões da cidade. Seguindo a lógica do autor, a primeira pensão mencionada por ele é a Pensão dos Alfaiates, que, segundo Viana, em 1920 era a única na cidade, localizada na rua Bocaiuva. Essa pensão pertencia a Lindolfo Quiteiro e Luis Guedes, dois baianos, dos quais não obtivemos maiores informações. A forma como a pensão é apresentada na obra de Vianna nos remete aos embates políticos vividos em Montes Claros na época.

O segundo espaço analisado é o cinema. O capítulo que narra sobre o cinema é intitulado “Cinemas de antanho”. Nesse capítulo Nelson Viana descreve que na década de 1920 a cidade era iluminada por energia fornecida a motor de querosene, e os acentos na sala do cinema eram bancos longos de tábua sem encosto, sendo proprietário do cinema o senhor Leopoldo Laborne e Vale, escrivão do Cartório do Primeiro Ofício de Notas. Conforme Vianna narra na obra, as fitas eram compradas de cinemas das cidades maiores, por isso apareciam personagens com roupas e aparências mais antigas. As películas

---

<sup>7</sup> Sobre esta pesquisa ver: RODRIGUES, Rejane Meireles Amaral Rodrigues. HOSPEDARIA, CINEMA E FARMÁCIA: A CIDADE DE MONTES CLAROS PARA NELSON VIANNA COMO MEMÓRIA NAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DE MONTES CLAROS. In: XXI Encontro Regional de História - História, Democracia e Resistência, 2018, Montes Claros. Anais - XXI Encontro Regional de História - História, Democracia e Resistência. , 2018.



vinham de trem e ficavam guardadas em uma pensão, não tendo sido mencionado pelo autor em qual pensão ficavam armazenadas.

Outro espaço em que eram reproduzidas as relações de poder e que analisamos eram as farmácias. Segundo relata Vianna, em 1920, em Montes Claros havia 4 farmácias e todas eram frequentadas pelos coronéis e fazendeiros para longos debates e conversas sobre o cotidiano da cidade. O autor destaca a Farmácia dos Anjos, mencionando os nomes de vários coronéis que se reuniam à porta: Coronel Spyer, Coronel Antônio dos Anjos, João de Andrade Câmara, Américo Pio Dias, Philomeno Ribeiro e o Dr. Santos. Nessa farmácia eles comentavam a respeito dos acontecimentos cotidianos e faziam a leitura dos jornais que chegavam na cidade.

Na análise desses espaços chegamos à conclusão de que:

[...] pela memória de Nelson Viana, o que há em comum entre esses espaços são os embates políticos vividos em Montes Claros naquele período, e como os políticos e coronéis se colocavam. A população sempre aparece como subordinada, com exceção da descrição do “motim” em relação à suspensão da sessão do cinema, em nenhuma outra narrativa a população foi descrita como ativa. Já os coronéis e o administrador local foram descritos como ativos, participativos, líderes e gozando de privilégios. Tais registros nos conduzem a entender que as relações sociais estabelecidas naquele processo histórico se repetiam nos espaços públicos (cinema e farmácia) a hierarquia vivida no campo da política. E no espaço privado (pensão) a inclinação política também era fator de reprodução dessa hierarquia, mesmo que de forma velada. Sobre o impacto da obra entendemos que a publicação em 1956 foi um marco que fortaleceu o conceito de cidade para a época.

O entendimento de que o texto foi produzido por um memorialista, que circulava pelos ambientes sociais e espaços geográficos distintos em Montes Claros no processo histórico de comemoração, possibilita um reconhecimento de cidade, que concede a Nelson Viana uma áurea de intelectual do período, com características de centralizador, mediador e realizador de obras na cidade. Nas suas obras evidenciamos uma característica de memória progressista, que mesmo remetendo ao passado e informando sobre o campo, fazia uma prospecção para o futuro, como cidade progressista e pulsante que o momento exigia.

Após chegarmos ao final do projeto supramencionado percebemos que a trajetória de vida bem como as obras de Nelson Vianna ainda têm muito a nos informar sobre a formulação do conceito de cidade tanto da década de 1950 do século passado, como nas

experiências vividas e na mentalidade dos administradores posteriores a essa década, além do cotidiano e das relações sociais vivenciadas em Montes Claros e região.

Nessa perspectiva, nos propomos analisar “Serões Montesclarenses”, publicada em 1962 e que também compõe a Coleção Sesquicentenária. Como já mencionado o livro é dividido em 70 textos, sendo estes organizados em 7 grupos. O primeiro grupo não tem título, e a partir do segundo apresentam os seguintes títulos: Casos espantosos; Um pouco de história; Nobiliarquia do norte de Minas; Fatos do Montes Claros Antigo e No tempo das divisões.

Como metodologia para investigar o livro do memorialista, tal qual fizemos no projeto anteriormente citado, faremos o caminho da leitura historiográfica, cuja proposta é analisar a biografia do memorialista, o processo histórico em que a obra foi escrita e, posteriormente, analisar o texto escrito pelo memorialista. Também faremos um levantamento das obras, buscando salientar e analisar como Montes Claros foi citada e como foi construída a memória de cidade na obra em questão. Assim, o nosso problema de pesquisa é entender qual o conceito de cidade foi registrado pelo memorialista Nelson Viana em sua obra “Serões montesclarenses?”

Sobre a biografia do autor, no início deste texto já fizemos sua apresentação e análise, aspecto relevante para a nossa pesquisa. De tal modo, partimos para o segundo ponto, que é discutir o processo histórico em que a obra foi produzida. Conforme também já mencionado, a obra “Serões Montesclarenses” foi publicada em 1962 e a escrita da mesma nos remete ao final dos anos 1950, inícios do ano 1960 em Montes Claros. Para uma análise mais profunda é fundamental pensarmos os acontecimentos que “direcionavam” os rumos da cidade naquele período.

Montes Claros está localizada em uma região de cerrado, com concentração de chuvas em poucas épocas do ano, o que favorece a escassez de água. A somatória dessa característica natural com a falta de grandes reservatórios para acúmulos de água e falta de políticas públicas voltadas para a solução desse problema sempre acometeu a cidade a longos períodos de seca. Essa situação, no final dos anos da década de 1950, parecia que seria resolvida com a incorporação do norte de Minas aos projetos da SUDENE-Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste.

No nosso entendimento, o histórico dessa instituição é interessante nesta pesquisa, considerando que todo e qualquer acontecimento de impacto na cidade de Montes Claros influenciou, direta ou indiretamente, Nelson Vianna na escrita da obra “Serões Montesclarenses”. De tal modo, é relevante abordar, ainda que em linhas gerais, a história de criação da referida instituição.

A SUDENE foi criada em 15 de dezembro de 1959, sob a lei 3.692 ( OLIVERIA, 2000: 217), decreto 47.890/60 que incluía os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e o Polígono da Seca de Minas Gerais<sup>8</sup>. Essa superintendência tinha como um dos seus principais objetivos corrigir um problema histórico, as secas, que de uma forma cíclica, se instalam na região nordeste do Brasil e que gerava preocupação desde 1877, ano em que os governos federais passaram a se preocupar com a seca da Região Sudeste (OLIVERIA, 2000: 212), com a chamada “Grande Seca”. Em 1959, com a criação da SUDENE, Montes Claros passou por suas primeiras experiências de política de planejamento regional (OLIVERIA, 2000: 212). Com grandes intervenções governamentais, que reforçaram tendências e ideologias modernizadoras.

As transformações que impactaram a cidade de Montes Claros foram estudadas por alguns pesquisadores da UNIMONTES tais como: Marcos Fábio Martins e Luciene Rodrigues ( OLIVEIRA, 2000), entre outros. Os trabalhos desses pesquisadores apontam as consequências sociais positivas geradas pelos investimentos da SUDENE na cidade. Entretanto, como pesquisamos memórias, percebemos que em alguma medida essas transformações deixaram consequências ruins em Montes Claros. Em 1999 realizamos uma pesquisa sobre essas “mudanças modernizadoras” na cidade promovidas com os incentivos da SUDENE no início da década de 1960. No texto: “ Evolução social e transformações urbanas provocadas sem preservação patrimonial” discutimos a destruição de ruas e casas no centro de Montes Claros para dar espaço às ruas e estabelecimentos comerciais construídos na expectativa de “modernizar” a cidade, conforme expõe o trecho abaixo;

---

<sup>8</sup> Antes da criação da SUDENE tivemos a IFOCS – Inspetoria de obras Contra as Secas sediada no Ministério de Viação e obras Públicas do Governo durante a presidência de Nilo Peçanha (1909/1910) e depois o DNOCS– Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, criado em 1945.

Durante a década de 60, do século XX, o dinâmico crescimento econômico causado pela industrialização incentivada pela SUDENE e o aumento demográfico, resultado do êxodo rural, acentuaram um novo padrão arquitetônico, na região central da cidade de Montes Claros localizada no Norte de Minas Gerais. Em consequência, grande parte do legado patrimonial arquitetônico ali existente, aos poucos foi indiscriminadamente demolido, resultando hoje, na escassez de obras outrora construídas que são o memorial descritivo, revigorador da História de um povo. ( RODRIGUES, 1999:683) .

Por meio da leitura dos jornais locais da época constatamos que a prefeitura passou tratores nos becos e em muitas casas que existiam no que, até então, era entendido como centro da cidade de Montes Claros. Além de ter aberto ruas, que não existiam nas imediações, “organizou” aquele espaço semelhante a um tabuleiro de xadrez e incentivou a construção de pontos comerciais, que, no decorrer dos anos seguintes, se tornaram as lojas comerciais que fortaleceram o comércio local e atraíram consumidores das cidades vizinhas, transformando a cidade de Montes Claros em uma das principais referências de compra do norte de Minas.

Foi nesse processo histórico, envolto pela efervescência de transformações físicas e econômicas estimuladas pela SUDENE que Nelson Vianna escreveu sua obra “Serões montesclarenses”. E o que pretendemos averiguar no projeto, aqui apresentado em forma de comunicação, é a relação dessas transformações com a escrita da referida obra, lembrando que estamos falando de um homem cujo trabalho está intimamente ligado a todas essas transformações.

Outro ponto a ser investigado é a análise da vida de Nelson Vianna em Montes Claros, com o escopo de responder ao segundo questionamento que norteia esta pesquisa: Nelson Vianna foi um intelectual em Montes Claros? novamente recorreremos à obra “Serões montesclarenses”, bem como analisaremos pela imprensa local e por meio dela os anos 1920 a 1960. Essa análise possibilitará evidenciar as ações de Nelson Vianna na cidade durante o referido período. Assim, caso essas ações de fato estejam retratadas na imprensa local, será possível verificar a forma como o memorialista foi retratado pela imprensa, visto que defini-lo como intelectual passa antes pelo “crivo da época”.

Como já sinalizado, o objetivo precípua desta comunicação é tornar público o projeto “Nelson Vianna e a construção da memória de cidade em Serões Montesclarenses”. O referido projeto ainda se encontra em fase de análise da trajetória

de vida do autor, bem como da análise do processo histórico em que a obra foi escrita. Posteriormente será analisado o conceito de intelectual e se tal conceito pode ser atribuído a Nelson Vianna. Por isso, destacamos novamente que nossas conclusões são parciais, por hora o que podemos concluir é que as transformações ocorridas em Montes Claros inspiraram Nelson Vianna a escrever sobre o passado da cidade, dando ao termo um conceito contemporâneo ao tempo da sua escrita.

### **Referências**

ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs.). **Outras Histórias: Memórias e Linguagens**. São Paulo: Olho D'Água, 2006, p. 19.

BICALHO, Maria Fernanda Bicalho; GOUVÊA, Maria de Fátima Silva (orgs.). **Culturas Políticas. Ensaio de história cultural, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

BRASIL, Henrique de Oliva. **História do Desenvolvimento de Montes Claros**. Belo Horizonte: Editora Lemi, 1983.

BRESCIANNI, Maria Stella M. . *História e Historiografia das cidades*. In: FREITAS, Marcos de. **Historiografia brasileira em perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2007.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**. São Paulo: Unesp, 1997.

FENELON, Déa Ribeiro. **Cidades**. Pesquisa em História. Programa Estudos Pós-Graduação em História PUC-SP. São Paulo: Editora Olhodágua, 1999.

LIVIO, Haroldo. **Nelson o personagem**. In: LEITE, Marta Verônica Vasconcelos. Coleção Sesquicentenária. Editora Unimontes, 2007.

OLIVEIRA, Marcos Fábio de. ( et al.) **Formação social e Econômica do Norte de Minas**. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2000, 428p.

PAULA, Hermes Augusto de. **Montes Claros sua História sua gente e seus costumes – parte 2**. In: LEITE, Marta Verônica Vasconcelos. Coleção Sesquicentenária. Editora Unimontes, 2007.

PIERRE, Nora. *Entre memória e História: a problemática dos lugares*. In: **Projeto História**. São Paulo: Educ, Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, n.10, dez. 1993.

RICOEUR, Paulo. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Rejane Meireles Amaral Rodrigues. **Memórias em disputas: transformando modos vida no sertão e na cidade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

\_\_\_\_\_. *Evolução social e transformações urbanas provocadas sem preservação patrimonial*. In: XX Simpósio Nacional de História. **História: Fronteiras ( Programas e Resumos)** . Florianópolis. 1999, p. 683.

SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In : RÉMOND, René. (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 231-262, p. 239-242.

VIANNA, Nelson. **Foiceiros e vaqueiros**. In: LEITE, Marta Verônica Vasconcelos. Coleção Sesquicentenária. Editora Unimontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Serões montesclarenses**. In: LEITE, Marta Verônica Vasconcelos. Coleção Sesquicentenária. Editora Unimontes, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. **O Campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. *Cidade*. In: **Palavras –chave**. São Paulo: Boitempo. 2007.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**